



# Para a normatização do português de Moçambique: aspectos do uso do imperativo por estudantes universitários

## Towards standardization of Mozambican Portuguese: aspects of imperative sentences by university students

Diocleciano Nhatuve\*

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é de descrever as realizações linguísticas de enunciados com valor imperativo a fim de identificar as tendências que diferenciam o português de Moçambique e o português europeu. O *corpus* é constituído por frases de estudantes universitários da cidade de Maputo. Com base numa metodologia mista, o estudo revela que os principais aspectos particulares do português de Moçambique registram-se no uso do imperativo com a forma de tratamento informal. O uso das formas verbais do presente do indicativo, a negação do imperativo verdadeiro e o cancelamento das formas de tratamento junto das formas verbais supletivas são as principais tendências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Português de Maputo. Estudantes universitários. Imperativo. Tendências.

**ABSTRACT:** The purpose of this study is to describe linguistic aspects of imperative sentences in order to identify the main trends that differentiate Mozambican and European Portuguese. The *corpus* of analysis consists of sentences written by university students from Maputo. A mixed methodology is adopted. Results show that most of particular aspects of Mozambican Portuguese regard the use of the imperative with informal pronoun (tu). The use of the present tense, the negation of the imperative forms, and the cancellation of the informal and formal indices with forms of supplementary imperative (subjunctive) are the main tendencies.

**KEYWORDS:** Portuguese spoken in Mozambique. University students. Imperative. Tendencies.

### 1. Introdução

Este artigo debruça-se em torno do uso do imperativo no português de Moçambique (PM) e constitui um contributo na sua descrição, atividade pertinente

\* Doutorando em Linguística Portuguesa (Universidade de Coimbra) e Leitor de Língua Portuguesa na Universidade do Zimbabwe – Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras.

para o sucesso do processo de normatização desta variante emergente do português. Aliás, na discussão sobre a questão da normatização do PM, vários autores divergem sobre o início do processo e sobre quais aspectos a considerar como típicos do PM (GONÇALVES, 2005; NHATUVE, 2017). No entanto, apesar de existirem trabalhos de descrição do PM em número considerável (GONÇALVES, et. al, 1998; GONÇALVES, 2010; 2005; 1996; NHATUVE; FONSECA, 2013; ATANÁSIO, 2002; BRITO, 2002; entre outros), os autores que se debruçam sobre a normatização do PM convergem ao reconhecer a pertinência e a necessidade de mais trabalhos descritivos da variante moçambicana de português como um exercício de base para que a prescrição ocorra sem sobressaltos.

Aliás, Gonçalves (2005, 2010) observa que, apesar de existirem trabalhos descritivos, estes não são suficientemente representativos da variante moçambicana, uma vez que na sua maioria focalizam falantes das classes médias e baixas, dos quais alguns ainda estão em processo de aquisição de português ou, por várias razões, não tiveram a oportunidade de o aprender suficientemente. Para a autora, há um défice de trabalhos descritivos que focalizam o português dos falantes de classe culta ou de escolaridade avançada. A pertinência da observação daquela linguista acentua-se sobremaneira se considerarmos que, em Moçambique, a proficiência em português língua segunda depende da instrução formal, havendo, conseqüentemente, uma relação direta entre o nível de escolaridade e o sucesso no uso da língua portuguesa (LP). Por estas razões, este trabalho, constitui um contributo na descrição do português dos falantes com escolaridade avançada, concretamente, estudantes de ensino superior.

O objetivo do trabalho é de descrever as estruturas sintáticas (frases) dos atos ilocutórios diretivos (SEARLE, 1976, p. 7-11) dos estudantes universitários moçambicanos de diferentes cursos. Segundo Searle,

the illocutionary point of [directive acts] consists in the fact that they are attempts (...) by the speaker to get the hearer to do something. They may be very modest 'attempts' as when I invite you to do it or suggest that you do it, or they may be very fierce attempts as when I insist that you do it. (SEARLE, 1976, p. 11).

A descrição das frases imperativas dos falantes de português com escolaridade avançada vai permitir a identificação das tendências, nesta camada de falantes moçambicanos, relativas ao tipo de verbos e às formas verbais usadas na expressão de enunciados com a função e a força ilocutórias de ordem ou desejo. Para além de trazer à superfície conhecimento sobre o uso do imperativo naquela camada, a descrição cria condições para a comparação das realizações deste grupo com as de falantes de classe média reveladas em estudos sobre o PM existentes (por exemplo, GONÇALVES et al., 1998, pp. 138-140) e em estudos posteriores (a serem levados a cabo sobre o uso do imperativo no PM). Para a efetivação do objetivo ora exposto, mostra-se pertinente recorrer a uma análise qualitativa e quantitativa, o que pressupõe a identificação das formas verbais preferidas pelos falantes e explicar o que as torna particulares do PM, se comparadas com as realizações segundo o PE.

Na base deste estudo está a constatação de que o uso do imperativo no seio dos falantes moçambicanos tende a distanciar-se sobremaneira das realizações do PE tomando características linguísticas, discursivas e pragmáticas próprias. Aliás, tal como dizem Gonçalves et al. (1998, p. 138),

na flexão do imperativo, [há] uma neutralização das formas da 2ª pessoa, próprias para o tratamento por *tu* e por *você/lo* [ou] *senhor (a)*. Assim, tanto podem co-ocorrer formas do imperativo da 3ª pessoa com formas da 2ª pessoa/*tu* [...], como podem co-ocorrer formas do imperativo da 2ª pessoa/*tu* com os pronomes de tratamento *você/lo senhor (a)*.

Ademais, o estudo é motivado, igualmente, pela necessidade de trabalhos descritivos da variedade moçambicana do português e, particularmente, dos falantes cultos e com instrução avançada, tal como exposto em parágrafos anteriores, com

vistas a prescrever o PM sem sobressaltos. Portanto, espera-se com este trabalho, apresentar dados comparativos sobre a construção de sentenças imperativas no PM e no PE e demonstrar os aspectos sintáticos que caracterizam os usos linguísticos moçambicanos nesta área. Espera-se também propor *regras* referentes às tendências do uso do imperativo. Estas regras poderão ser comparadas com as regras relativas às tendências de falantes de outras camadas (média e baixa) para, a partir de tal exercício, identificar-se aspectos comuns entre as diferentes classes de falantes de PM. São esses aspectos que, em nosso entender, deverão ser consideradas para a prescrição da variedade moçambicana. Desta feita, a pertinência deste trabalho reside não só na apresentação de conhecimento sobre o uso do imperativo entre falantes universitários, como também no fato de os resultados poderem ser úteis para estudos sobre a variante moçambicana com vistas à sua normatização.

Duas perspectivas teóricas estão na base deste estudo. A primeira concerne à posição defendida por Gonçalves (2005, 2010), segundo a qual a descrição significativa de todas as áreas da língua e de todas as camadas de falantes de PM é imprescindível para a prescrição das novas tendências de uso de português. A segunda é referente à posição de Ferreira et al. (1996), os quais consideram que as diferentes variedades emergentes de português como resultado da aquisição/aprendizagem partindo de bases linguísticas e socioculturais diferentes “podem [e devem] ser estudadas e descritas. Estes autores referem que das diferentes variantes que podem coexistir no mesmo território, [...] uma delas, por diversas razões, pode adquirir maior prestígio e impor-se como norma ou língua padrão” (FERREIRA et al., 1996, p. 483) pelo que, os trabalhos descritivos para a divulgação das diferentes variantes e identificação daquela que *adquire maior prestígio* e daquela que apresenta maior número de aspectos comuns a maior número de falantes são imprescindíveis.

## 2. Pressupostos teóricos

Os enunciados produzidos durante o ato de comunicação são funcionais porque têm um objetivo e uma força ilocutórios. Numa frase imperativa como *Siyabonga, traz-me o livro*, o objetivo ilocutório é de levar o indivíduo *Siyabonga* a trazer-nos o livro. O indivíduo executa a ação como resultado da força ilocutória do nosso enunciado. Enunciados com estas características enquadram-se nos chamados atos ilocutórios diretivos na taxonomia searleana (SEARLE, 1976). Em gramáticas modernas as frases expressando ordens, comandos, pedidos, conselhos, instruções (MATEUS et al. 2003, pp. 450-452) são designadas frases imperativas (Modo imperativo). Em português, as formas do imperativo são amiúde confundidas com algumas do subjuntivo na medida em que, o presente do subjuntivo da segunda pessoa *você/vocês* coincidem (são semelhantes) com as formas do imperativo (*fale/coma, falem/comam*). Apenas o contexto sintático é que pode ajudar a determinar se estas formas estão no imperativo ou no subjuntivo. Enquanto as formas deste se distribuem em todas as pessoas gramaticais, as do imperativo distribuem-se pelas diferentes formas da segunda pessoa, nomeadamente, *tu, você e vocês*. Aliás, conforme veremos em parágrafos posteriores, alguns autores de linha gerativa não consideram aquelas formas como do imperativo, o que os leva a chamá-las de formas do imperativo supletivas.

De acordo com Hare (1949), o imperativo é um modo defectivo em vários aspectos. Segundo ele, o que o torna defectivo é o fato de: 1. não ocorrer em todos os tempos verbais – daí a impossibilidade de dar ordens para o passado; 2. não ocorrer com todas as pessoas gramaticais, ocorrendo apenas com a segunda pessoa<sup>1</sup>; 3. ser usado no presente e em alguns casos futuro (Hare, 1949, p. 25). A justificação apresentada por Hare para o fato de o imperativo ocorrer na segunda pessoa baseia-

---

<sup>1</sup>O autor faz menção a algumas línguas em que, diferentemente da maioria, e do português em particular, o imperativo pode ocorrer com a terceira pessoa (singular e plural) – caso do grego – e com a primeira pessoa do plural (nós) – caso do francês.

se em aspectos pragmáticos; “since a command can only be carried out by someone doing something, it is natural to address it to that person, and tell him to do whatever it is” (p. 26). Mais adiante, justificando a impossibilidade de usar o imperativo com a primeira pessoa do singular, Hare esclarece que tal é impossível pois “we do not need to tell ourselves to do things, we just do them” (ibid.). Ainda no que tange aos aspectos que fazem do imperativo diferente dos outros modos, há que se destacar o fato de, na sua estrutura argumental, independentemente das idiosincrasias de cada verbo, excluir-se o argumento externo do verbo na estrutura superficial da frase.

Entretanto, pode se criar enunciados com a força ilocutória de ordem de diversas formas e, em função disso, as estruturas imperativas podem ser classificadas de diferentes maneiras. Para Boyer (1987, p. 35-40) o imperativo pode traduzir-se em: 1. obrigação e proibição; 2. Pedido; 3. Permissão. Segundo Mateus et al (2003, p. 452-458), em línguas como o português, a criatividade linguística permite que os falantes criem frases imperativas de diferentes formas, a saber: uso do imperativo – em que são usadas as formas verbais e estruturas próprias do modo imperativo (que passamos a chamar imperativo direto) (cf. exemplo 1 a.) – uso do imperativo indireto, em que apesar de a estrutura frásica bem como a forma verbal não corresponderem ao imperativo, as frases têm o valor de imperativo (cf. exemplo 1 b.); uso do infinitivo também com a função de imperativo (cf. exemplo 1 c.). Para este trabalho, interessa a configuração do imperativo direto, sendo por isso que vamos concentrar as nossas atenções para a sua ocorrência em português.

### **Exemplos 1:**

- a. Fecha a porta, João.
- b. Fecharia/fechava/podia fechar a porta, por favor!
- c. João, fechar a porta.

Na perspectiva da gramática gerativa, distinguem-se dois tipos de imperativos gramaticais: o primeiro tipo é das línguas com formas verbais próprias para a expressão do imperativo (verdadeiro imperativo); o segundo é das línguas que não têm formas verbais próprias para a expressão do imperativo. Enquanto naquelas se usa uma forma verbal específica, nestas recorre-se a formas alternativas como as do indicativo, infinitivo ou do subjuntivo (RIVERO, 1994; RIVERO; TERZI, 1995 apud. SCHERRE et al., 2007, p. 198).

De acordo com Scherre et. al (2007), a LP pertence ao primeiro grupo, o das línguas com imperativo verdadeiro. Ora, neste grupo há duas distinções que devem ser feitas. A primeira é referente às línguas com um paradigma e uma sintaxe própria do imperativo enquanto a segunda é referente às que, apresentando paradigma próprio do imperativo, não têm uma sintaxe específica para o mesmo. Neste âmbito, o português caracteriza-se por enquadrar o grupo dos idiomas com paradigma e sintaxe próprios do imperativo. Nestas condições, o imperativo verdadeiro (como em *fala, come.*) (cf. exemplos 2 a. e 2 b.) não pode ser negado, sendo que para o imperativo negativo se recorre às formas do imperativo supletivas (*fale, coma*) como demonstrado nos exemplos a seguir baseados em Scherre et. al. (2007, pp. 198-202) (cf. 2 c. e 2 d.).

### **Exemplos 2:**

- a. *Fala* conosco.
- b. *Come* banana.
- c. Não *fales* conosco.
- d. Não *comas* banana.

O uso do imperativo nas diferentes variedades do português é em geral diversificado, como resultado dos fenômenos de influência translinguística e/ou, em

correspondência aos diferentes níveis de escolaridades dos respetivos falantes. Na LP, língua com imperativo verdadeiro, regista-se, na variante europeia, uma rigorosidade no uso da ênclise (diz-**me** a verdade) enquanto no PB, a colocação proclítica em formas verbais imperativas (**me** diz a verdade) é frequente (SCHERRE et al., 2007, p. 202-204). Segundo estas autoras, enquanto o PE se pode considerar de imperativo verdadeiro, o PB padrão,

considerando-se a morfologia e a negação, [classifica-se] como parcialmente uma língua de imperativo verdadeiro, também da classe I: [se esta] exhibe sistematicamente forma imperativa distinta do modo indicativo (Tu dizes) para o imperativo afirmativo (Diz!); não nega o imperativo verdadeiro, valendo-se do subjuntivo como forma supletiva (Não digas!). Considerando-se a posição do clítico, ainda na visão da tradição, o português brasileiro se diferencia das línguas de classe I: não apresenta sintaxe específica quanto à posição dos clíticos com relação ao verbo. Neste aspecto, nos termos de Cunha & Cintra (1985: 307-308), o português brasileiro espontâneo falado ou escrito difere do português europeu, porque permite clíticos em posição inicial absoluta, em orações imperativas (me desculpe se falei demais) (SCHERRE, et al., 2007, p. 204).

Ainda sobre o PB, Favaro (2016) cita Borges (2004) dando conta de que nos falares brasileiros regista-se o uso das formas verbais do indicativo com valor de imperativo. Para o autor “uma forma indicativa com pronome sujeito indicaria o presente do indicativo. Já uma forma indicativa sem sujeito exposto seria interpretada como uma ordem; o imperativo, então, seria caracterizado principalmente por não ter sujeito” (BORGES, 2004, apud FAVARO, 2016, p. 53). Efetivamente, em discursos orais ou escritos em diferentes contextos no PB, é possível encontrar usos distantes do PE, como seja o uso de formas do imperativo, do indicativo, do subjuntivo (FERREIRA JÚNIOR, 2011).

No que tange à negação imperativa na variante brasileira, o autor considera que podem ser negadas quer a forma indicativa – correspondente ao imperativo

verdadeiro – quer a forma supletiva. No entanto, a negação pré-verbal da primeira forma (*não fala nada*) resulta num enunciado ambíguo, podendo ser interpretado como um ato ilocutório assertivo ou como diretivo. De um modo geral, considera Ferreira Júnior (2011, pp. 70-73), a negação pré-verbal ocorre com as formas do imperativo supletivo (subjuntivo) (cf. exemplo 3 a.) enquanto a negação pós-verbal ou dupla (em frases imperativas) ocorre com as formas indicativas (cf. exemplos 3 b. e 3 c.).

### Exemplos 3:

- a. *Não comas* esse pão.
- b. *Fala não* dessas coisas, cara.
- c. *Não fala nunca* dessas coisas.

Já na variante moçambicana, tal como relatam Gonçalves et al. (1998), regista-se no uso do imperativo a neutralização das formas da 2ª pessoa do singular (tu) e (você/senhor). Assim, são observáveis formas do imperativo com traços [+ informal] associadas ao pronome [- informal] (você/senhor). Também se encontram formas com traços [+ formal] associadas ao pronome [- formal] (tu) (GONÇALVES et al., 1998, p. 138). Portanto, considerando que o português é uma língua de imperativo verdadeiro, tendo em conta as variações que se registram quer no PB quer no PM em relação ao PE, analisaremos a seguir, os dados dos falantes moçambicanos de escolaridade avançada, a fim de verificarmos como é que se realiza o imperativo na forma afirmativa bem como o imperativo na forma negativa, consistindo este último na adjunção de uma partícula negativa a forma verbal expressando o valor imperativo.

### 3. Metodologia e descrição de informantes

Para a prossecução deste estudo recorreremos à metodologia mista, combinando as abordagens qualitativa e quantitativa, escolha que se fundamenta pela necessidade, por um lado, de apresentarmos os aspectos linguísticos salientes no uso do imperativo pelo grupo alvo e, por outro, pela necessidade de verificarmos, em termos quantitacionais, a margem de diferença entre as realizações segundo o PE, oficialmente ensinado na escola moçambicana, e as realizações à *maneira* moçambicana. Portanto, a combinação das duas abordagens enriquece o trabalho por facultar resultados de natureza quantitativa e qualitativa. Neste âmbito, na análise de dados, recorreremos ao método estatístico, representando os dados em quadros e em gráficos ilustrativos dos diferentes aspectos linguísticos que constatamos sobre o uso do imperativo.

No total recolhemos, através de exercício orientado para a produção de frases imperativas (negativas e afirmativas), 192 estruturas sintáticas com verbos da primeira conjugação (falar) e da segunda conjugação (comer). Os verbos da 3ª conjugação (como partir) ficaram de fora deste exercício pelo fato de, no que concerne restritamente às formas do imperativo, considerando as pessoas *tu, você e vocês*, haver uma coincidência com as formas dos verbos regulares terminados em *-er*. Estes dados foram recolhidos em duas instituições de ensino superior sediadas na cidade de Maputo, nomeadamente, a Universidade Eduardo Mondlane e a Universidade Pedagógica.

Participaram deste exercício 50 estudantes de terceiro e quarto anos de diferentes cursos ministrados naquelas instituições, com exceção dos cursos de especialização em língua portuguesa, considerando que este grupo, por se tratar da sua área de especialização, poderia fornecer informação até certo ponto ilusória e distante do real falar da maioria dos falantes desta camada social. Os informantes eram de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 20 e 35 anos de idade. A coleta de dados teve lugar no ano letivo de 2013/2014, no âmbito

de um projeto de doutoramento em linguística cuja dissertação se intitulava *Para a normatização do português de Moçambique: Alguns aspectos de morfologia e sintaxe*<sup>2</sup>. Os estudantes foram informados, naquela altura, que os dados seriam usados para estudos linguísticos na área de sintaxe pelo que, se esperava uma relativa atenção na escrita das frases.

Para a análise, os dados foram distribuídos em dois principais grupos, o das frases imperativas negativas e o das imperativas afirmativas. Esta disposição, para além de permitir a verificação do tipo de verbo e das respetivas formas verbais em que se regista maior número de aspectos à margem do PE, permite relacionar os desvios na construção de frases imperativas com as formas de frases (negativas ou afirmativas). Desta feita, cada aspecto saliente é descrito e a frequência da sua ocorrência é expressa percentualmente (cf. Quadro 1). No âmbito da escrita das frases, alguns alunos usaram outros verbos diferentes dos dois (falar e comer). Estes foram considerados nos casos em que se tratasse de verbos regulares pertencentes às duas classes de conjugação verbal. Portanto, não foram tomados em conta, para a análise das tendências dos estudantes no uso do imperativo, enunciados com verbos irregulares.

#### 4. Resultados

Os dados que apresentamos sobre o uso do imperativo por estudantes universitários da cidade de Maputo consistem em 192 estruturas frásicas na forma negativa e afirmativa. Deste total, as estruturas contendo uma partícula negativa (não) são superiores às estruturas afirmativas. Ademais, os dados revelam maior número de estruturas em que se usa o imperativo supletivo em relação às estruturas em que se usa o imperativo verdadeiro. Nestas estruturas, observamos que o número de desvio em

---

<sup>2</sup> Este trabalho não chegou ao fim devido a constrangimentos de ordem financeira que impuseram a anulação da inscrição naquele curso.

relação ao PE supera o número dos acertos, enquanto no uso do imperativo supletivo o número de acertos está acima dos desvios. Isto prenuncia, por um lado, dificuldades acentuadas no uso das formas supletivas para construir enunciados imperativos na forma negativa (cf. exemplos 4a – 4e), por outro, dificuldades no uso de estruturas de imperativo verdadeiro com o pronome *tu*, como se pode verificar nos exemplos abaixo extraídos do *corpus* constituído para este estudo.

#### Exemplos 4:

- a. **Não fala** conosco (**Tu**)
- b. **Você não** come banana (**você**).
- c. **Não falas** conosco (**Tu**)
- d. **Não fale** (**Tu**)
- e. **Não coma** (**Tu**)
- f. **Comes** banana (**Tu**)
- g. **Comas** banana (**Tu**)
- h. **Coma** banana (**Tu**)
- i. **Tu comes** muito (**Tu**)

Em todos os casos (uso do imperativo verdadeiro e do supletivo), os desvios acentuam-se com a forma de tratamento informal (*tu*). Entretanto, com as formas supletivas o desvio (31 ocorrências) envolve o uso dos verbos da primeira conjugação (-ar), enquanto com as formas do imperativo verdadeiro, as dificuldades ocorrem com os verbos da segunda conjugação (-er). Ademais, importa salientar, diferentemente do uso do imperativo no PB (FERREIRA JÚNIOR, 2011; SCHERRE et al., 2007), a ausência da negação pós-verbal e/ou dupla nos dados do grupo em estudo. O Quadro 1 abaixo resume o uso do imperativo no seio do grupo alvo.

Quadro 1 – Uso do imperativo no PM.

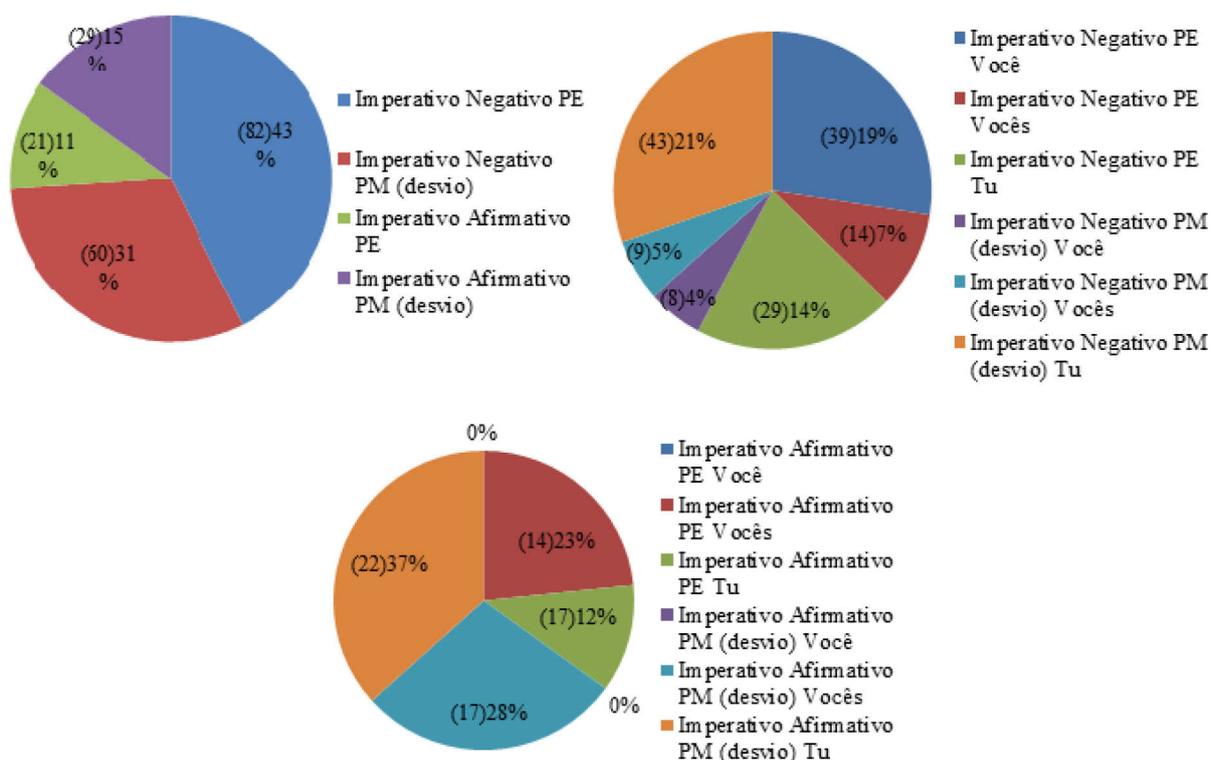
Imperativo total											
192											
Imperativo Negativo						Imperativo afirmativo					
142						50					
Realização segundo o PE			Realização desviante			Realização segundo o PE			Realização desviante		
82			60			21			29		
+ Você	+ Vocês	+ Tu	- Você	- Vocês	- Tu	+ Você	+ Vocês	+ Tu	- Você	- Vocês	- Tu
39	14	29	8	9	43	0	14	7	0	17	22
Uso desviante do imperativo											
Tipo de verbo				Tipo de verbo							
Você -er	Vocês -ar	Tu -ar	Tu -er	Você -ar	Você -er	Vocês -ar	Tu -er				
8	8	31	12			16	20				
Tend. Forma Verbal				Tend. Forma Verbal							
Pres. Ind. 3ª Pess. (não <b>come</b> ) 6	Pres. Ind. 3ª Pess. (não <b>falam</b> ) 6	Imp. Afirm. (não <b>fala</b> ) 12	Imp. 2ª Pess. (não <b>coma</b> ) 6			Pres. Ind. 3ª Pess. ( <b>falam</b> ) 9	Pres. Ind. 2ª Pess. ( <b>comes</b> ) 9				
Imp. 2ª Pess. (não <b>coma</b> ) 2	Imp. 2ª Pess. Sing (não <b>fale</b> ) 1	Pres. Ind. 2ª Pess. (não <b>falas</b> ) 11	Imp. Afirm (não <b>come</b> ) 3			Pret. Perf. 3ª Pess. ( <b>Falaram</b> ) 4	Imp. 2ª pess. ( <b>coma</b> ) 5				
	Imp. 2ª Pess. (não <b>fales</b> ) 1	Imp. 2ª Pess. (não <b>fale</b> ) 8	Pres. Ind. 2ª Pess. (não <b>comes</b> ) 3			Imp. 2ª Pess. Plur. ( <b>falai</b> ) 2	Pres. Conj. 2ª Pess. Sing ( <b>comas</b> ) 6				

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados sobre o uso do imperativo indicam, tal como nos referimos em parágrafos anteriores, elevada ocorrência de estruturas imperativas na forma negativa, isto é, que têm uma partícula negativa anteposta à forma verbal. Os desvios neste grupo de estruturas representam 31% (em relação ao total dos

dados analisados), valor estatístico abaixo do valor percentual referente às ocorrências segundo o PE que representam 43%. Esta disposição dos dados deixa claro que as realizações que podem ser consideradas características do PM, nesta camada de falantes, são menos representativas em relação às que consideramos realizações do PE. No entanto, apesar de as realizações do PM se mostrarem menos representativas, considerando que a margem de diferença não é elevada, nunca devem ser subestimadas. Antes, deve-se desencadear um estudo em outras camadas de falantes de português em Moçambique, para apurar a frequência da sua ocorrência em diferentes estratos da sociedade moçambicana. Já no que concerne ao imperativo afirmativo (envolvendo as formas de tratamento *tu e você*) as realizações do PM (15%), ainda que também por uma margem de diferença baixa, superam as realizações do PE (11%), tal como se pode verificar no Gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1 -- Imperativo: realizações do PE vs PM.



O aumento do número de realizações certas com a forma de tratamento formal (você) e conseqüente diminuição de desvios envolvendo a mesma forma leva-nos a considerar que a forma de tratamento formal não constitui grandes problemas na configuração do imperativo (cf. Quadro 1). A explicação possível para este fato é que as respectivas formas verbais para o imperativo – formas de imperativo supletivo – são as mesmas quer para estruturas afirmativas (cf. exemplos 5 a. e 5 b.) quer para as estruturas negativas (cf. exemplos 5 c. e 5 d.). Situação contrária se verifica no uso da forma de tratamento informal (tu) em que é elevado o número de desvios. A mudança das formas verbais do imperativo verdadeiro para a construção das respectivas negativas (cf. exemplos 5 e -5 j) parece estar na origem desta tendência.

#### Exemplo 5:

- a. **Fale** conosco (Vocês)<sup>i</sup>
- b. **Coma** banana (Você)<sup>i</sup>
- c. **Não coma** banana (Você)
- d. **Não fale** conosco (Você)<sup>i</sup>
- e. **Come** banana (tu)
- f. **Fala** conosco (Tu)<sup>i</sup>
- g. **Não comas** banana (Tu)
- h. **Não fales conosco (Tu).**
- i. **\*Não come (você)**
- j. **\*Não falas** conosco (tu)

<sup>i</sup> Exemplos próprios para exemplificar o exposto no parágrafo anterior, dado que o *corpus* não oferece aquelas estruturas.

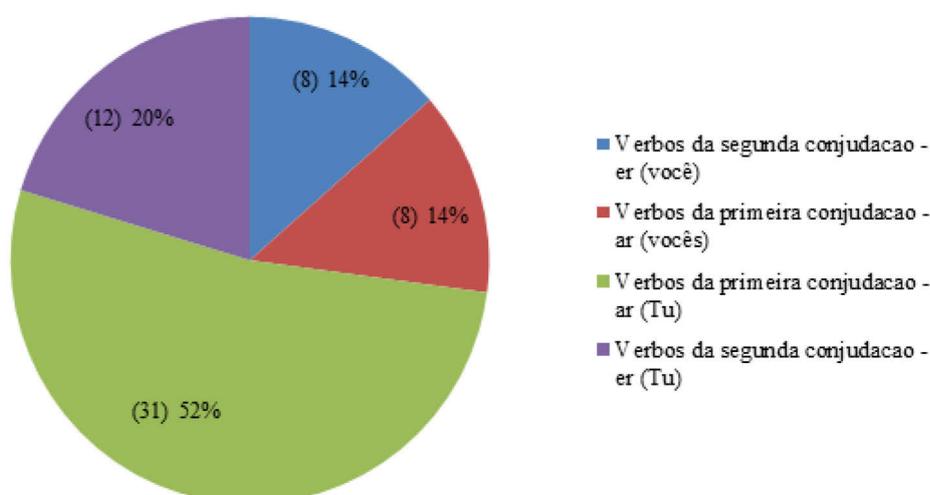
#### 4.1 Imperativo na forma negativa

A LP enquadra o grupo das línguas com paradigmas e formas sintáticas próprios para a expressão do imperativo. Ora nesta condição, o português só tem o chamado imperativo verdadeiro para a segunda pessoa do singular com traço [- formal]. Entretanto, a forma negativa deste imperativo bem como o imperativo para a segunda

pessoa com traço [+ formal], conservando o mesmo paradigma, recorrem às formas verbais do subjuntivo (o chamado imperativo supletivo). Neste âmbito, para além da frequência com que ocorrem as realizações do PM, distantes dos do PE, interessa observar e, se possível, interpretar as estratégias usadas pelos falantes moçambicanos de português com escolaridade avançada. Este exercício irá permitir a descrição das tendências no uso do imperativo e a proposta de possíveis regras usadas por este grupo.

O primeiro aspecto que se deve ressaltar no uso das formas supletivas na expressão do imperativo pelo grupo alvo é o fato de, embora com frequências diferentes, os desvios (realizações do PM) ocorrerem quer com o pronome de tratamento formal (você) quer com o de tratamento informal (tu), quer ainda com a forma do plural (vocês). Para além desta constatação, a análise de dados permite-nos concluir que os erros ocorrem com os dois tipos de verbos quanto à conjugação (verbos da 1ª e da 2ª conjugação). No entanto, enquanto com o pronome *você* registram-se apenas 8 (14% em relação ao número total dos desvios neste contexto) casos correspondentes ao desvio com os verbos da 2ª conjugação (-er), valor percentual igual às ocorrências desviantes com a forma do plural *vocês* com os verbos da 1ª conjugação (-ar); com o pronome *tu* registram-se 31 (52%) ocorrências desviantes com os verbos terminados em *-ar* e 12 (20%) com os verbos terminados em *-er*, conforme ilustra o Gráfico 2 abaixo.

Gráfico 2 -- Desvio em função do tipo de verbo (imperativo negativo).



Com efeito, podemos concluir que, na configuração do imperativo gramatical na forma negativa, o foco de desvio e de diferença entre o PE e as realizações da nova variante emergente em Moçambique é o uso da forma de tratamento informal *tu*, em que as formas do imperativo verdadeiro têm de ser substituídas pelas formas supletivas (o subjuntivo). Igualmente, podemos verificar que os verbos da primeira conjugação oferecem dificuldades acentuadas. Neste âmbito, em termos do uso das formas verbais, três tendências sobressaem na formação do imperativo negativo:

1. Uso da forma verbal do imperativo verdadeiro: isto é, uma das estratégias a que recorrem os falantes de escolaridade avançada de Maputo consiste na negação pré-verbal da forma do imperativo verdadeiro (cf. exemplo 6 a.). Esta tendência apresenta 12 ocorrências de um total de 31 desvios com verbos de primeira conjugação;
2. Uso da forma verbal do presente do indicativo 2ª pessoa do singular *tu*: esta estratégia consiste na anteposição da partícula negativa à forma verbal sem sujeito (cf. exemplo 6 b.). Isto leva-nos a considerar situação de uso do presente do indicativo para a expressão do imperativo em que a colocação do sujeito corresponderia ao modo indicativo, enquanto a omissão do mesmo representaria uma expressão do imperativo. Esta tendência apresenta 11 ocorrências, um número muito próximo às ocorrências descritas em 1;
3. Uso da forma do imperativo supletivo, contudo, sem a respetiva marca de tratamento informal; esta tendência, que apresenta 8 ocorrências, parece revelar uma estratégia de cancelamento da marca de tratamento informal na forma verbal (cf. exemplo 6 c.).

**Exemplos 6:**

- a. Não fala conosco (tu)
- b. Não falas conosco (tu)
- c. Não fale (tu)

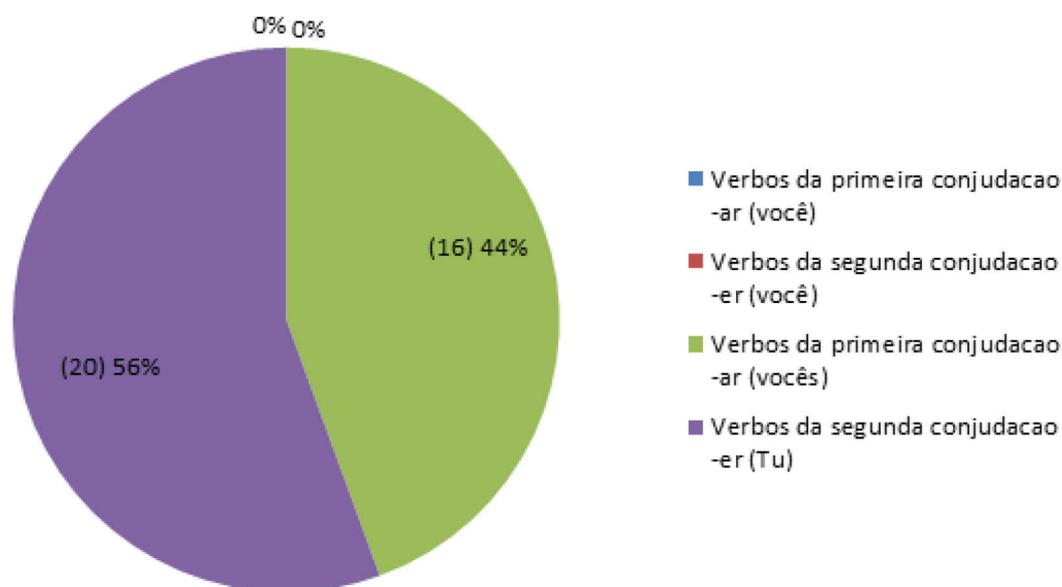
Com os verbos da 2ª conjugação, embora com ocorrências estatisticamente baixas, as mesmas estratégias observadas no uso dos verbos terminados em *-ar* são usadas. No entanto, inverte-se a ordem das ocorrências, sendo a tendência 3 que apresenta maior número de registros (6 contra 3 de cada uma das outras duas tendências).

**4.2 Imperativo na forma afirmativa**

Considerando as configurações do imperativo negativo em que se recorre às formas do subjuntivo, pode-se afirmar que o imperativo verdadeiro em português só é possível com a forma de tratamento informal *tu*. Com base nos dados analisados verifica-se que, enquanto no imperativo supletivo as realizações desviantes se registram com todos os pronomes (*você*, *vocês* e *tu*), com o imperativo verdadeiro, a forma de tratamento formal (*você*) não registra aspectos de distanciamento com o PE que se podem considerar característicos do PM. Efetivamente, é com as formas do plural e de tratamento informal que se registram aspectos que distanciam o PM do PE. Entretanto, a forma de tratamento *tu* continua a apresentar maior número de aspectos que particularizam o PM na configuração da frase com a força ilocutória de ordem. Enquanto o pronome *vocês* apresenta 16 (44% em relação ao universo de desvio no imperativo afirmativo) combinações desviantes, 20 (56%) ocorrências dizem respeito ao imperativo com a forma de tratamento informal (*tu*). Os verbos envolvidos são os da 1ª conjugação

para a forma do plural e os da 2ª para a forma de tratamento informal, como se ilustra através do Gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3 -- Desvio em função do tipo de verbo (imperativo afirmativo).



Neste âmbito, as tendências que se destacam são:

1. Uso do presente do indicativo correspondente a cada um dos pronomes (vocês<sup>3</sup> e tu), cada forma de tratamento com 9 ocorrências (cf. exemplos 7 a. e 7 b.). Nesta tendência, os falantes omitem, como estratégia, o sujeito do verbo para a distinção do imperativo do indicativo.
2. Uso das formas do imperativo supletivo com *tu* sem a marca de tratamento informal (cf. exemplo 7 c.) com 5 ocorrências; e com a marca de informalidade (cf. exemplo 7 d) com 6 ocorrências.

<sup>3</sup> Com este pronome, há também o uso da forma indicativa do pretérito perfeito e da forma de tratamento formal *vós*, mas em pouca representação.

**Exemplos 7:**

- a. Falam conosco (Vocês)
- b. Comes banana (Tu)
- c. Coma banana (Tu)
- d. Comas banana (Tu)

Portanto, os principais aspectos que diferenciam o PM do PE no que concerne ao uso do imperativo têm que ver, por um lado, com a dificuldade no uso das formas do imperativo supletivo com a forma de tratamento informal. Os exemplos do *corpus* indicam as seguintes tendências: i) negação da forma verbal do imperativo verdadeiro (procedimento sintático não previsto no PE); ii) a associação do presente do indicativo da segunda pessoa *tu* com a omissão do respetivo sujeito para a expressão do imperativo negativo e iii) o cancelamento da marca de informalidade na forma de imperativo supletivo. Por outro, o *corpus* indica que esta diferenciação tem que ver com a dificuldade no uso do imperativo afirmativo com os pronomes *vocês* e *tu*. As tendências encontradas reiteram o uso do presente do indicativo (sem sujeito exposto) e o uso indevido das formas do imperativo supletivo, como nos exemplos 7 c. e 7 d.

**5. Considerações finais**

Embora os dados gerais indiquem valores estatísticos percentuais das realizações particulares do grupo alvo relativamente baixos, os mesmos não deixam de ser importantes, quer em termos representativos quer em termos dos aspectos sintáticos e pragmáticos neles envolvidos. Aliás, é possível verificar, a partir dos dados, que os desvios (em relação ao PE) que caracterizam o PM não são gerais e uniformes. Existem, com efeito, contextos linguísticos e pragmáticos em que as marcas de moçambicanidade do português silhuetam-se sobremaneira. O uso do

imperativo negativo dos verbos da primeira conjugação com a forma de tratamento informal (como em *\*não falas conosco (Tu)*); do imperativo afirmativo com verbos da segunda conjugação com o tratamento por *tu* (como em *\*comes banana (Tu)*); e do imperativo afirmativo com os verbos de primeira conjugação com a forma de tratamento do plural (como em *\*falam conosco (Vocês)*) são, neste caso, os contextos em que se verifica maior criatividade no seio do grupo alvo. A ocorrência de variação e/ou mudança no uso do imperativo não é fenômeno isolado em Moçambique, também se registra noutras variedades do português, como por exemplo, a brasileira (SCHERRE et al., 2007; FERREIRA JÚNIOR, 2011; FAVARO, 2016) pelo que, os linguistas e toda a sociedade devem interpretá-la como um fenômeno natural política e sociolinguisticamente significativo e, por isso, relevante.

Em concordância com Ferreira et al. (1996, p 479.) as manifestações do imperativo em Moçambique devem ser descritas de tal sorte que se conheçam os aspectos típicos desta nova variante. A descrição não deve ser apenas da linguagem dos falantes de escolaridade acima da média; o fenômeno linguístico deve ser estudado igualmente no seio das classes médias e baixa, para se verificar quais são as tendências linguísticas comuns entre todas as camadas sociais. Se a proficiência em LP no seio dos falantes moçambicanos depende, para a esmagadora maioria de cidadãos, da escolaridade e, na classe universitária (que supostamente tem maior tempo de contato e uso do português), a cifra<sup>4</sup> dos 42.3% (60 ocorrências) e 15% (29 ocorrências) correspondente às realizações desviantes, respectivamente no uso do imperativo na forma negativa e na forma afirmativa, prevê-se um cenário muito mais representativo nas classes médias e baixas (que acomodam maior número de falantes de português).

Em Gonçalves et al. (1998) entende-se que, no geral, a variante moçambicana é caracterizada pela neutralização das formas da 2ª pessoa do singular (*tu*) e

---

<sup>4</sup> A base de cálculo destas percentagens é o valor total do *corpus* (192 enunciados).

(você/senhor), aspecto que se confirma neste trabalho. Entretanto, neste grupo alvo específico, tal tendência ocorre com maior expressão com a forma de tratamento *tu* em que se encontram formas como *não fale (tu)* e *comas banana (Tu)*. Noutros casos e contextos registram-se outros fenômenos que não podem ser vistos de uma forma generalizada, pois ocorrem também em contextos bem específicos, conforme descrito no subtópico anterior. Os dados indicam que o uso do presente do indicativo, a negação do imperativo verdadeiro e o cancelamento das formas de tratamento em formas verbais supletivas são as principais inovações que se registram no seio do grupo alvo, como resultados das mudanças que devem ser operadas, sobretudo na expressão do imperativo negativo.

Ora, as constatações sobre o uso do indicativo com valor imperativo coincidem com as tendências reveladas por Scherre et al. (2007) e Favaro (2016). No entanto, não se pode dizer o mesmo no que concerne à ocorrência da posposição da partícula negativa ou da negação dupla que se registra no PB. Ademais, os dados não permitem verificar o uso dos clíticos com as formas verbais do imperativo. As realizações inovadoras dos falantes (conscientes ou não) no uso do imperativo constituem uma das formas de nativização (FIRMINO, 2008) do português no território moçambicano. Portanto, as tendências ora registradas não devem ser simplesmente interpretadas como fruto da incapacidade de falar o tal *bom português* e muito menos como manifestação da falta de escolarização dos respetivos falantes.

Desta feita, a configuração dos enunciados com a força ilocutória de ordem representa um dos aspectos de distanciamento da variedade moçambicana em relação ao PE. Apesar de os dados apresentados neste estudo indicarem uma percentagem global de realizações tipicamente moçambicanas ligeiramente baixas em relação à percentagem correspondente ao PE, os aspectos identificados não deixam de ser importantes e significativos, sobretudo na discussão sobre a normatização da variante moçambicana do português, tal como descrito na

introdução a este trabalho. Os resultados deste estudo devem constituir um ponto de partida para outros estudos sobre o uso do imperativo noutras camadas sociais, de tal sorte que se enriqueça o conhecimento nesta área da língua, facilitando a identificação dos aspectos comuns aos falantes moçambicanos de português e, assim, permitir a definição clara das estratégias prevalentes e significativamente representativas no uso do imperativo pela maioria dos cidadãos.

### Referências bibliográficas

ATANÁSIO, N. **Ausência do artigo no Português de Moçambique**: análise de um *corpus* constituído por textos de alunos do ensino básico em Nampula. 2002. 176 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa). Universidade do Porto e Universidade Pedagógica, Porto e Nampula, 2002.

BOYER, J. L. A classification of imperatives: a statistical study. **Grace Theological Journal**, v. 8.1, 1987, p. 35-54.

BRITO, A. M. **Relativas de genitivo “estranhas” no português de Moçambique**: erros ou sinais de mudança? Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Letras, 2002. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7123.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

FAVARO, G. S. **Estudo morfológico das formas verbais do modo imperativo nas Cantigas de Santa Maria**, 2016, 200 f. Tese (Doutoramento em Linguística e Língua Portuguesa). UNESP, Araraquara, 2016.

FERREIRA JÚNIOR, M. N. **A sintaxe da negação em configuração imperativa no português brasileiro**, 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília: 2011.

FERREIRA, M. B. et al. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. et al. (Org.). **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996, p. 479-502.

FIRMINO, G. Aspectos da nacionalização do português de Moçambique. **Veredas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Porto Alegre, v. 9, p. 115-135, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/34455>. Acesso: 29 out. 2016.

HARE, M. H. Imperative sentences. **Mind, New Series**. V. 58, N<sup>o</sup>, 229, 1949, pp. 21-39. <https://doi.org/10.1093/mind/LVIII.229.21>

GONÇALVES, P. Aspectos da sintaxe do português de Moçambique. In: FARIA, I. et al. (Org.). **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996, p. 313-322.

\_\_\_\_\_. Português de Moçambique: problemas e limites de padronização de uma variante não-nativa. In: SINNER, C. (Ed.). **Norm und Normkonflikte in der Romanian**. Munich: Peniopol, 2005. p. 184-195.

\_\_\_\_\_. **A génese do português de Moçambique**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A, 2010. 229 p.

GONÇALVES, P. et al. Estruturas gramaticais do português oral de Maputo. In: GONÇALVES, P.; STROUD, C. (Org.). **Panorama do português oral de Maputo - Vol.III**. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1998. 159 p.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003. 1127 p.

NHATUVE, D. J. R.; FONSECA, M. C. Aspectos da sintaxe do português falado no sul de Moçambique. **Revista de Letras**, Vila Real, série II, n. 11, p. 145-156, 2013.

NHATUVE, D. Reflexão sobre a normatização do Português de Moçambique. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 1997-2007, 2017.

SCHERRE, M. M. P. et al. Reflexões sobre o imperativo em português. **D.E.L.T.A.**, 23: esp., 2007, p. 193-241.

SEARLE, J. A classification of illocutionary acts. **Language in society**. Vol. 5, n. 1, 1976, p. 1-23. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/S0047404500006837>

Artigo recebido em: 02.09.2017

Artigo aprovado em: 01.12.2017

**Anexo****Dados sobre o uso do imperativo**

Universidade Eduardo Monglane

<b>Negativo</b>	<b>Afirmativo</b>
1. Não brinques comigo (Tu).	1. Falem connosco (vocês).
2. Não fales connosco (Tu).	2. Tu, coma banana (Tu)
3. Não coma banana (Você)	3. Vocês, falem connosco.
4. Não comas banana (Tu)	4. Falem (vocês).
5. Não fala connosco (Tu)	5. Coma (tu)
6. Não falem connosco (vocês)	6. Come banana (tu)
7. Não coma banana (Você)	7. Falem connosco (vocês)
8. Não fala connosco (Tu)	8. Falam connosco (vocês)
9. Não coma banana (Você)	9. Comas banana (tu)
10. Não comas banana (tu)	10. Falai de connosco (vocês)
11. Não fales connosco (tu)	11. Faça favor (Tu)
12. Não falem connosco (vocês)	12. Falai-de connosco (vocês)
13. Não fale (tu)	13. Sai rapidamente (tu)
14. Não come (você)	14. Tu comes muito (tu)
15. Não coma banana (você).	15. Vocês falam francês (vocês)
16. Não fales connosco (tu)	16. Brinca comigo (Tu)
17. Você não come banana (você).	17. Coma banana (Tu)
18. Tu não vais comer banana (tu)	18. Comprem-me um caderno (vocês)
19. Não falas connosco (tu)	19. Trabalhe muito (Tu).
20. Não coma banana (você)	20. Estudem (estudai) (Vocês)
21. Não fales connosco (tu)	21. Durmam na cama (Vocês)
22. Não Coma (Você)	22. Estuda (Tu)
23. Não falem connosco (Vocês)	23. Comas banana (Tu)
24. Não durma de dia (Vocês)	24. Falam connosco (Vocês)
25. Não coma banana (Você)	25. Comas (Tu)
26. Não falas connosco (Tu)	26. Falem (Vocês)
27. Não durma durante o dia (Você)	27. Fique aqui nesse lugar (Tu)
28. Não corra de mais (Tu)	28. Façam agora esse trabalho (Vocês)
29. Não chore (Você)	29. Coma banana (Tu)
30. Não exalte acim desse jeito (Tu)	30. Falem (Vocês)
31. Não fales (Tu)	31. Falam connosco (Vocês)
32. Não comas (Você)	32. Coma a banana (Tu)
33. Não comes (Tu)	
34. Não fales (Tu)	
35. Não fala connosco (Tu)	
36. Não falem (Vocês)	
37. Não comas a banana (Você)	
38. Não falem (Vocês)	
39. Não coma (Você)	
40. Não fala (Tu)	
1. Não coma (Você)	

<ol style="list-style-type: none"> <li>2. Não coma (Tu)</li> <li>3. Não comas (Tu)</li> <li>4. Não fale (Tu)</li> <li>5. Não coma banana (Você)</li> <li>6. Não suba esse carro (Você)</li> <li>7. Não coma banana (Você)</li> <li>8. Não coma banana (Tu)</li> <li>9. Não fala connosco (Tu)</li> <li>10. Não saias de carro (Tu)</li> <li>11. Não coma (você)</li> <li>12. Não comas (Tu)</li> <li>13. Não fales (Tu)</li> <li>14. Não fales (vocês)</li> <li>15. Não se mexa (você)</li> <li>16. Não fala connosco (tu)</li> <li>17. Não coma banana (você)</li> <li>18. Não come banana (tu)</li> <li>19. Não me envergonhes (Tu)</li> <li>20. Não faça confusão (Você)</li> <li>21. Não fales connosco (tu)</li> <li>22. Não falam connosco (vocês)</li> <li>23. Não me julgue (tu)</li> <li>24. Não vá à discoteca (você)</li> <li>25. Não fala comigo (tu)</li> <li>26. Não coma banana (você)</li> <li>27. Não coma banana (Tu)</li> <li>28. Não fala connosco (tu)</li> <li>29. Não falem connosco (vocês)</li> <li>30. Não vá ao campo (você)</li> <li>31. Não abras a porta (Tu)</li> <li>32. Não coma banana (tu)</li> <li>33. Não come (tu)</li> <li>34. Não fale connosco (Tu)</li> <li>35. Não falem connosco (Vocês)</li> <li>36. Não coma (você)</li> <li>37. Não comas (Tu)</li> <li>38. Não fala connosco (Tu)</li> <li>39. Não falem connosco (vocês)</li> <li>40. Não coma esta banana (Você)</li> <li>41. Não comas a minha banana (Tu)</li> <li>42. Não fales connosco (Tu)</li> <li>43. Não fale connosco (Vocês)</li> <li>44. Não coma banana (Você)</li> <li>45. Não comas banana (Tu)</li> <li>46. Não falas connosco (Tu)</li> <li>47. Não falem connosco (vocês).</li> <li>48. Não roube (Você)</li> </ol>	
<b>Universidade Pedagógica</b>	

1. Não coma banana (Você)	1. Vão a escola (Vocês)
2. Não coma banana (Você)	2. Senta-te agora
3. Não fala connosco (Tu)	3. Falem connosco (Vocês)
4. Não comas banana (Tu)	4. Come banana (Tu)
5. Não fales connosco (Tu)	5. Foram assistir ao jogo (Vocês)
6. Não fez o trabalho (Você)	6. Falem connosco (Vocês)
7. Não coma banana (Você)	7. Falem connosco vocês
8. Não brinque aqui (Tu)	8. Come banana (Tu)
9. Não coma a banana (Você)	9. Comes banana (Tu)
10. Não falam connosco (Vocês)	10. Falem connosco vocês
11. Não coma banana (Você)	11. Comas banana (Tu)
12. Não comas a banana (Tu)	12. Falam connosco(Vocês)
13. Não fale connosco (Tu)	13. Falam connosco (Vocês)
14. Não falas connosco (Tu)	14. Comes banana (Tu)
15. Não falam connosco (vocês)	15. Comeste banana (Tu)
16. Não coma banana (você)	16. Comes banana (Tu)
17. Não come banana (Você)	17. Falam connosco (Vocês)
18. Não fale connosco (Tu)	18. Falaram connosco (Vocês)
19. Não comas banana (TU)	
20. Não falas connosco (Tu)	
21. Não falas connosco (Tu)	
22. Não coma banana (Você)	
23. Não coma banana (Você)	
24. Não falas connosco (Tu)	
25. Não comes banana (Você)	
26. Não coma banana (Você)	
27. Não come banana (Você)	
28. Não falas connosco (Tu)	
29. Não coma banana (Você)	
30. Não falam connosco (Vocês)	
31. Não coma banana (Você)	
32. Não comes banana (Tu)	
33. Não fales connosco (Tu)	
34. Não falem connosco (Vocês)	
35. Não falas connosco (Tu)	
36. Não comes banana (Tu)	
37. Não coma banana (Tu)	
38. Não fala connosco (Tu)	
39. Não falem connosco (Vocês)	
40. Não coma banana (Você)	
41. Não comas banana (Tu)	
42. Não falas connosco (Tu)	
43. Não falem connosco (Vocês)	
44. Não coma banana (você)	
45. Não comas bananas (Tu)	
46. Não falas connosco (Tu)	
47. Não falam connosco (Vocês)	
48. Não coma banana (Você)	
49. Não come banana (Tu)	
50. Não fala connosco (Tu)	
51. Não falam connosco (Vocês)	
52. Não iram a lugar nenhum (Vocês)	
53. Não comas deste fruto (Tu)	